

DESENVOLVIMENTO E INDUSTRIALIZAÇÃO NO INTERIOR DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: UMA CONTRIBUIÇÃO PARA O (RARO) DEBATE SOBRE AS PECULIARIDADES REGIONAIS

Jorge Sant'Anna dos Santos *

RESUMO:

O artigo se dispõe a tratar, numa perspectiva histórica, a interiorização do desenvolvimento no Estado do Rio de Janeiro, a partir da focalização desse processo em uma de suas porções mais industrializadas fora do perímetro da atual região metropolitana, o Vale do Paraíba fluminense, onde está localizada uma das mais importantes unidades produtivas do país, a Companhia Siderúrgica Nacional-CSN. Nesse sentido, retoma o debate acerca das origens e da expansão do desenvolvimento capitalista no país que, no caso de São Paulo, maior economia industrial do país, foi condicionado pelo crescimento da atividade cafeeira, em fins do século XIX. No Rio de Janeiro, nesse mesmo período, a produção cafeeira enfrentou profunda crise. No entanto, embora essa região tenha perdido a liderança industrial, manteve-se durante todo o século XX como o segundo PIB do país, a despeito das análises que insistem em qualificar sua economia como desindustrializada e “decadente”. A análise aqui empreendida busca localizar as fontes dos investimentos e identificar alguns empreendedores responsáveis pela continuidade do desenvolvimento industrial no estado, numa tentativa de explicar as alternativas ali encontradas para enfrentar a diminuição da importância da sua agricultura.

Palavras-chave: interiorização, desenvolvimento, industrialização

ABSTRACT

The article has to be addressed in a historical perspective, internalization of development in the State of Rio de Janeiro, based on the focus of this process in one of his most industrialized parts outside the perimeter of the current metropolitan area, the Vale do Paraíba Fluminense, where is located one of the most important production units in the country, Companhia Siderurgica Nacional-CSN. In this sense, takes up the debate about the origins and expansion of capitalist development in the country, in the case of Sao Paulo, the country's largest industrial economy, was conditioned by the growth of the coffee activity in the late nineteenth century. In Rio de Janeiro, during the same period, coffee production has faced deep crisis. However, while this region has lost its industrial leadership, remained throughout the twentieth century as the second country's GDP, despite the analysis insist that qualify as de-industrialized economy and its "decadent". The analysis undertaken here seeks to locate the sources of investment and identify some enterprising responsible for the continuity of industrial development in the state in an attempt to explain the alternatives found there to address the diminishing importance of agriculture.

Keywords: internalization, development, industrialization

* Doutorando em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)/UFRRJ.

E-mail: jorge@cppsul.embrapa.br

Recebido em: 15/09/2010.

Aceito em: 08/11/2010.

1. Introdução

O estudo da industrialização no estado do Rio de Janeiro (e, por extensão, do seu processo de desenvolvimento) enfrenta um problema grave: a dificuldade de livrar-se da interlocução permanente com a análise da realidade da industrialização empreendida no Estado de São Paulo, consagrada nos trabalhos clássicos de Silva (1976), Cano (1977) e Melo (1982). Sem pretender desconsiderar a validade do enfoque totalizador contido nesses trabalhos, que lançou novas luzes sobre a compreensão do desenvolvimento capitalista no país, cremos ser imprescindível mapear novas formas de análise, abrindo a possibilidade da diversidade e da comparação, concentrando esforços na investigação das interações que conformaram a região que atualmente compreende o estado do Rio de Janeiro, pela sua importância na economia nacional, apesar dos inúmeros desafios que enfrenta, visando identificar particularidades que implicaram um percurso próprio, todavia importante de ser conhecido. Isto feito, parece que os percalços (mas também os proveitos) da industrialização carioca e fluminense podem adquirir uma nova dimensão porque colocados em primeiro plano e não como elementos secundários, menos importantes, o que tem sido a tônica de uma boa parte dos estudos sobre a industrialização brasileira influenciados pela perspectiva totalizadora ancorada nas relações café - indústria, emblemática no caso de São Paulo (FERREIRA, 1985, P. 1). Aliás, é do caráter mesmo das análises totalizadoras negligenciar o contingencial, o imponderável, as combinações imprevistas, perdendo quase sempre a oportunidade de deparar-se com novas óticas, ainda mais quando se trata de temas já tão discutidos. Mas repetimos que esse tipo de perspectiva não deixa de ser relevante, principalmente quando o que se deseja é o rastreamento das grandes tendências e das generalizações, postulando de todo pensamento que almeja o reconhecimento de científico, não menos importante na ciência social, embora nesta última a especificidade do seu objeto exija o alcance de outras perspectivas, questão primordial para os estudiosos na teoria social clássica (GIDDENS, 1998, PP. 15-18).

Este artigo tem por objetivo identificar as condições que permitiram a emergência da atividade industrial em um dos municípios mais afetados pela crise da cafeicultura na velha província fluminense, no último quartel do século XIX, o município de Valença, localizado na

atual microrregião do Vale do Paraíba. Isto pressupõe uma preocupação histórica, de contribuir para uma reflexão mais pormenorizada da história da industrialização no Estado do Rio de Janeiro. Em segundo lugar, pretende resgatar o perfil de alguns agentes locais que enfrentaram o desafio de buscar alternativas para a recuperação da economia de uma área que se via, naquele momento, às voltas com uma brusca retração de uma atividade que fora durante quase meio século a mais importante para a economia do país: seus esforços, a capacidade de se articularem entre si e com agentes externos, suas relações com a cidade e seus projetos para que esta mantivesse alguma importância no cenário regional. Nesse caso, sobressai uma preocupação sociológica, na medida em que procura demonstrar algumas estratégias de reconversão dos estabelecimentos agropecuários de Valença, nas primeiras décadas do século passado, buscando recuperar os caminhos seguidos pelo setor agropecuário local, concomitantemente à expansão da sua indústria. Quanto a esse aspecto, a intenção do artigo é propiciar alguns subsídios que possibilitem observar a agropecuária da região do Rio de Janeiro objetivando captar algo mais além da difundida noção de “decadência”.

1.1 A industrialização pré-CSN no Vale do Paraíba Fluminense

São numerosos e bastante conhecidos os estudos que tratam da implantação da Companhia Siderúrgica Nacional, em 1942, principalmente pelos seus impactos na economia do Estado do Rio de Janeiro e as transformações urbanas que promoveu na região ao criar uma cidade-industrial, de porte considerável para o período, em pleno interior, numa área onde a atividade agropecuária, desde a década de 30, enfrentava dificuldades para se expandir (LOPES, 2004; SOUZA, 1992; FONTES e LAMARÃO, 1986; PIQUET, 1985). Tais estudos sobre Volta Redonda acabaram por reforçar o raciocínio corrente de que nada havia no Vale do Paraíba fluminense, em termos de atividade econômica expressiva, até que a usina começasse a ser construída. A tão comentada “decadência da agricultura” da velha província fluminense, desencadeada pela crise do café, ao final do século XIX, geradora de uma “paisagem desoladora” (MELO, 1982, p. 72), fazia esse raciocínio parecer repleto de sentido. Por outro lado, são praticamente inexistentes os estudos que buscam recuperar os esforços empreendidos nos municípios que compõem a microrregião do Médio Paraíba para dar novos rumos ao desenvolvimento desses espaços.

É em função disso que consideramos importante tratar da trajetória do município de Valença, um dos núcleos do auge da economia cafeeira no Estado do Rio de Janeiro, que de fato sofre um forte impacto com a crise da sua agricultura, agravada pela abolição, com fazendas dilapidadas e fortunas arruinadas, mas que, já na década de 1910, através de uma série de esforços locais, consegue erguer um parque têxtil que irá perdurar por 80 anos, solapado que foi pela abertura comercial dos anos 1990, apesar de ter contribuído em todas essas décadas para que Valença se tornasse uma das principais aglomerações urbanas do Vale do Paraíba, ainda hoje a mais industrializada do interior do estado.¹ Ressalte-se que Valença constitui um exemplo de implantação industrial promovida, em grande parte, por esforços e capitais privados, portanto distinto do empreendimento governamental que fez surgir a cidade de Volta Redonda.

1.1.1 A crise da cafeicultura e o início da industrialização em Valença

São quatro as unidades industriais instaladas inicialmente: a Companhia Industrial de Valença, em 1912 (mais tarde denominada Ferreira Guimarães, marca conhecida em termos nacionais a partir do auge do jeans, no final da década de 1970 e durante os anos 1980); a Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa (igualmente importante em termos nacionais), cuja operação se inicia em 1914; a Fábricas Unidas de Tecidos, Rendas e Bordados, de 1913 e a Companhia Progresso de Valença de Fiação e Tecelagem, de 1926. Esta última foi a única fábrica a não perdurar no longo período que se abria para Valença para a atividade têxtil. Mas em 1952, a cidade passou a contar com mais uma unidade, a Sociedade Anônima Fiação e Tecelagem Ultra Moderna Chueke. Os dados apresentados na tabela abaixo, ajudam a situar o porte dessas unidades, através da evolução do número de operários e da sua produção física entre 1930 e 1951 (exclusive Chueke).

¹ Dados do último Censo Demográfico do IBGE mostram que Valença possuía em 2000 uma população de 66.290 habitantes. Em 1907, o mesmo IBGE indica que essa população era de 26.117 habitantes. Em 1940, seus moradores somavam 35.627. Pode-se perceber que, a despeito dos graves problemas enfrentados no início do século passado, o município manteve uma taxa de crescimento regular, mas constante, ao longo de todo o século XX. Nem tudo parece ser desolação e abandono das fazendas.

TABELA 1
UNIDADES TÊXTEIS DE VALENÇA -
NÚMERO DE OPERÁRIOS E PRODUÇÃO ANUAL

Ano	Número de operários			Produção anual (em metros)
	Homens	Mulheres	Total	
1930	407	589	996	6.260,4
1935	493	653	1.143	8.701,3
1940	552	619	1.171	7.520,1
1945	675	664	1.339	8.809,5
1951	471	621	1.092	8.162,1

Fonte: Dados adaptados de quadro apresentado pelo historiador Leoni IÓRIO. Valença de ontem e de hoje (subsídios para a história do município de Marquês de Valença – 1789/1952). Valença: Associação Comercial, 1953, p. 212.

Os dados relativos ao período compreendido pela tabela nos permitem inferir que foi pequena a expansão, tanto do pessoal ocupado quanto da produção física, sugerindo que foram muito poucos os investimentos realizados desde a época de implantação dessas unidades fabris. Ao que tudo indica, o crescimento da atividade vai se dar a partir da década de 1970 e durante boa parte dos anos 80. O Censo Industrial do IBGE, de 1970, indica já a presença de mais um estabelecimento desse ramo na cidade: agora são seis, empregando 1.413 trabalhadores. Em 1975, o Censo Industrial já aponta que esses trabalhadores são 1.662, em sete estabelecimentos. De qualquer modo, para a época em que foram instaladas essas empresas, é certo que se constituíam em empreendimentos de razoável porte, com uma média de 250 empregados para cada estabelecimento. Mas as fábricas da Ferreira Guimarães e da Santa Rosa eram unidades maiores. Considerando-se que a população de Valença era de 28.835 (projeções feitas pelo IBGE) em 1912, ano do início da implantação do parque têxtil, deve ter sido considerável o impacto sobre o mercado de trabalho local a partir do número de empregos por elas gerado, tanto durante a construção dos prédios das fábricas, quanto no período do início das suas operações. É possível que Valença, nos anos 1910, ao contrário do que se supõe em função do fato de estar no centro de uma “forte decadência” decorrente da crise da cafeicultura, possa ter servido como local de atração para população migrante, especialmente por sua localização fronteira a alguns municípios da Zona da Mata mineira, atualmente polarizados por Juiz de Fora.

1.1.2 Perfil dos empreendedores: contrariando a tese clássica da relação entre café e industrialização

Não há razão para não considerar a implantação do parque têxtil de Valença como uma pequena parte da história da industrialização no Estado do Rio de Janeiro e, logo, da industrialização brasileira. Esta empreitada exigiu, além de recursos monetários, sintonia com os processos econômicos em curso no país naquele período, noção das condições locais que poderiam tornar-se favoráveis, capacidade para articular-se para fora, visão do futuro e disposição para encarar as adversidades. Atributos que não se costuma destacar tenham feito parte do comportamento das elites da velha província do Rio de Janeiro. A maior parte das análises que tratam do período relatam que com a derrocada do café, as antigas fazendas do Vale do Paraíba foram convertidas em pastagens, o que não deixa de corresponder aos fatos, atestados pelos historiadores. Mas quais homens fizeram parte desse grupo que, diante da perplexidade quase generalizada com relação ao destino da economia da cidade, resolveram somar esforços e comprar máquinas têxteis na Inglaterra, adquirir turbinas no exterior e transportá-las da estação ferroviária de Valença até o meio do mato - onde já se encontravam represados milhares de metros cúbicos de água - e mobilizar mão-de-obra, para quem o trabalho industrial era, provavelmente na maior parte, algo desconhecido?

Para a realização da nossa pesquisa, além da consulta ao trabalho dos historiadores locais, realizamos entrevistas com agentes que tivessem ocupado cargos gerenciais nessas empresas, evidentemente em períodos mais recentes, dos anos 70 em diante. Mas durante o trabalho de campo, que foi feito entre janeiro e maio de 2007, foi possível descobrir que alguns parentes muito próximos dos fundadores ainda estão vivos e mantêm na memória informações sobre o processo de implantação das empresas e sua evolução, permitindo acrescentá-las aos relatos daqueles que trabalharam diretamente na produção. Foi o caso de um neto de Vito Pentagna, um dos fundadores da Companhia Fiação e Tecidos Santa Rosa, que concordou em conceder entrevista. O informante, atualmente proprietário de uma das principais fazendas de Valença, a Pau D'Alho (incluída no circuito turístico de visitação das fazendas do ciclo do café), é o presidente da Cooperativa Mista de Valença, que reúne 334 produtores de leite do município, a maioria pequenos produtores. Durante a entrevista foi possível recuperar um pouco da trajetória do seu avô, como também levantar aspectos

relacionados ao desenvolvimento econômico do município entre 1955 e 1995, recorte temporal da nossa tese.

Vito Pentagna foi um imigrante italiano que passou a residir em Valença em 1881, depois de ter sido mascate e acumular recursos com o comércio por algumas áreas do Sul de Minas Gerais. O informante relatou que um tio de Víto, que era clérigo e fazia trabalhos pastorais nessa área de Minas, preocupado com a situação dos cinco sobrinhos numa Itália que, conforme é sabido, na segunda metade do século XIX enfrentava problemas políticos decorrentes do processo de unificação, agravados em algumas áreas pelas dificuldades econômicas da população,² resolve trazê-los para o Brasil. Já no Brasil, Vito se encanta com a filha de um fazendeiro muito rico, amigo do seu tio clérigo, e resolve pedir-lhe em casamento. O pai lhe diz que a filha tem um dote de 15 contos de réis. Caso ele conseguisse outros 15 contos, a mão da filha lhe seria concedida. Ele retorna para suas atividades e reaparece na fazenda, algum tempo depois, de acordo com o informante, casa-se com a moça e, de posse dos 30 contos compra a Fazenda Santa Rosa, em Valença, em 1888, exatamente o ano da abolição. O informante disse que seu pai lhe contara “uma coisa engraçada (sobre Vito): ele primeiro carregava uma mala, depois arranjou um sujeito para carregar; depois comprou um burro, depois outro, fez uma tropa”. A compra da fazenda foi possível em função do barateamento dos preços das terras em Valença naquele período, com muitos fazendeiros “pendurados em hipotecas”.

Vito Pentagna se instalara em Valença no ano de 1881. Depois da compra da Fazenda Santa Rosa se dedica ao cultivo do café, mas todas as informações obtidas nos levam a crer que sua principal atividade era o comércio. Em menos de duas décadas se tornou o mais forte negociante local, possuindo o principal estabelecimento de “secos e molhados” da cidade. O historiador Leoni Iório (1953, p. 207) afirma que tropas vindas do Oeste e Sul de Minas Gerais (principalmente de Lima Duarte e São João Del Rey) abasteciam o seu armazém, de onde ele despachava as mercadorias (toucinho, queijos) para a cidade do Rio de Janeiro, comércio

² Vito não é originário da região do Mezzogiorno, área do Sul da Itália com população majoritariamente rural, de onde migraram milhares de famílias para buscar “uma vida melhor na América (principalmente para os EUA, Argentina e Brasil, nas duas últimas décadas do século XIX e primeira década do século XX). Segundo o seu neto, ele é oriundo de uma área litorânea próxima a Nápoles, uma vila com predomínio de famílias de pescadores. Ele informou que até hoje existe naquele local “um prédio muito bonito chamado Palácio Pentagna”, mas a família do seu avô era constituída de pessoas “sem grandes recursos”, condição agravada pela crise econômica enfrentada pela Itália naquele período. Além de Vito, quatro outros irmãos seus migraram para o

facilitado pela presença da Estrada de Ferro União Valenciana, que se comunicava com a Estrada de Ferro D. Pedro II. Do Rio de Janeiro, Vito Pentagna importava grandes carregamentos de sal, bebidas, bijouterias, etc. Segundo seu neto, ele comprou outras duas fazendas, entre elas a Pau D'Alho, atualmente de sua propriedade.

Não é difícil compreender como Vito Pentagna consegue manter-se como cafeicultor. Além dos lucros obtidos no comércio, ele certamente vai ser favorecido pela recuperação dos preços do café no mercado internacional, a partir de 1885, que se manteve até 1895, conseguindo sobreviver ao período crítico que se inicia em 1896 para a cafeicultura fluminense, como decorrência da estagnação da economia dos EUA, maior consumidor mundial de café, e da expansão da lavoura cafeeira em São Paulo, que ajuda a deprimir os preços do produto. Nessa segunda metade dos anos 1890, a economia da velha província fluminense enfrenta uma situação bastante difícil. Não somente em função dos problemas relativos à atividade cafeeira, mas também pelos reveses verificados na produção do açúcar, no Norte do estado. Esses impasses se expressam de maneira contundente num relatório da Secretaria de Obras Públicas e Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, enviado ao governador em 1889, contendo informações coletadas por um questionário enviado às 48 Câmaras Municipais. De acordo com o relatório, mais de 90% dos municípios dependiam do café. Em apenas oito municípios foi constatada a tentativa de buscar outras alternativas econômicas para reagir à crise. No caso da pecuária, o relatório assegura que, mesmo constituindo uma alternativa, era praticada em pequena escala (FERREIRA, 1994, pp. 40-41).

É nesse quadro que Valença parece ser um município importante de ser estudado. Iório relata em seu livro sobre a cidade que, desde 1891, é cogitada a idéia de implantação da indústria de tecidos de algodão. O autor mencionou uma petição da Câmara Municipal, datada de 6 de outubro desse ano, na qual cidadãos de Valença (entre eles, Vito Pentagna) solicitam, em aforamento, o terreno de uma praça extinta, próximo à estação da estrada de ferro, para ali construir “diversas indústrias”, deferida pelo poder público municipal. O grupo de seis demandantes chegou a organizar uma empresa e, em seguida, construiu um prédio com área de 900m². O prédio ficou abandonado por 12 anos, para que se aguardasse a melhora do câmbio e, uma vez passada a crise (cambial), o grupo tentaria adquirir maquinário necessário no

Brasil, o último tendo aqui chegado já formado em medicina. De qualquer modo, nos seus primeiros anos no Brasil, Vito foi mascate em Minas Gerais.

estrangeiro (IÓRIO, 1953, p. 205). Essas informações parecem coincidir com a afirmativa de Wilson Cano (1977, p. 260), para quem as condições da política tarifária e cambial nas duas últimas décadas do século XIX (salvo em situações especiais) não contribuíram para uma industrialização “mais decisiva” no antigo Distrito Federal e no seu entorno, já que essa região, mais do que qualquer outra no país, adiantara-se no processo de implantação industrial. Ao contrário, Stanley Stein (1979, p. 108) e Marieta de Moraes Ferreira (1985, p. 7) encaram esse período como favorável para a implantação de unidades industriais, já que as tarifas sobre produtos industrializados importados sofrem um aumento significativo, implicando uma importante proteção para a produção industrial nacional. Stein menciona que a tarifa que entrou em vigor em 1900 e suas pequenas revisões posteriores asseguraram uma proteção mais do que adequada à proteção de tecidos grossos. Mas, por outro lado, desvalorizações cambiais sucessivas, como aquelas ocorridas durante os anos 1890 para ajustar as contas externas do país, decerto implicavam maiores recursos para a compra de equipamentos no exterior.

De qualquer modo, os primeiros teares chegados a Valença datam de um período anterior a 1912, pelas mãos de outro membro da elite da cidade, José Siqueira Silva da Fonseca, que comprara o prédio construído próximo à estação ferroviária. Trataremos desse empreendedor logo em seguida. As informações disponíveis não permitem esclarecer a razão pela qual Vito Pentagna vendeu o prédio que havia construído em terreno aforado pela Prefeitura. Íorio relata que, em janeiro de 1913, Pentagna lançava a pedra fundamental de sua fábrica de tecidos, em outro terreno, na área central da cidade, iniciando imediatamente a construção do edifício. Ao mesmo tempo, desde março do ano anterior, realizara obras hidráulicas na sua fazenda Pau D’Alho para a construção de uma usina hidrelétrica, aproveitando uma queda d’água de 26 metros ali existente, formada pelo rio das Flores. É importante dizer que o local dessa usina ficava a sete quilômetros do centro da cidade, onde estaria localizada a fábrica. A usina só seria inaugurada em setembro de 1914, constituída de uma represa de 25 metros de comprimento, por seis metros de altura, um empreendimento que por si só parece ter exigido um grande volume de recursos. Informações coletadas durante a entrevista com o neto de Pentagna dão uma dimensão aproximada da origem desses recursos. Reunido com a família, segundo o informante, o avô põe sobre a mesa uma mala repleta com libras esterlinas e pergunta aos filhos o que deveriam fazer com o dinheiro. Optam por investir numa indústria têxtil. Embora o relato possa sugerir um episódio que de fato nunca tenha

ocorrido, sendo portanto muito mais ligado à imagens (“míticas”?) que compõem a identidade da família, por outro lado remete à explicação, esta sim histórica, da origem dos vultosos recursos para a implantação da fábrica Santa Rosa.

A assembléia de instalação da companhia ocorreu no dia 7 de setembro de 1913, com um capital de Cr\$ 500.000,00, dividido em 2.500 ações no valor nominal de Cr\$ 200,00 cada uma, sendo seus incorporadores Vito Pentagna e o comendador Nicolau Pentagna. Mas a fábrica só entraria em operação em setembro de 1914, em plena Primeira Guerra Mundial.³ Do seu Conselho Fiscal fazia parte o coronel Benjamim Ferreira Guimarães. A figura do coronel Ferreira Guimarães vai estar fortemente ligada à industrialização de Valença. Comerciante em Bonsucesso, Minas Gerais, Guimarães vai residir em Valença até 1919, quando então se transfere com a família para a cidade do Rio de Janeiro. Leoni Iório diz que sua vinda para a cidade se deveu a José Siqueira Silva da Fonseca, proprietário rural e comerciante na cidade, de quem o coronel foi sócio na implantação da Companhia Industrial de Valença (Ferreira Guimarães). Mas nosso informante relatou que Vito Pentagna foi quem sugeriu a sua vinda para a cidade, num momento em que o coronel passava por dificuldades financeiras, pois perdera muito dinheiro na Bolsa de Valores de Londres. Guimarães parece ter sido uma pessoa que mantinha boas relações com figuras ligadas à especulação financeira e com o sistema bancário, pois o seu lugar na história da industrialização de Valença dá a impressão de que foi uma espécie de “captador de recursos”, o que demonstra sua ligação com os dois principais empreendimentos têxteis da cidade. Francisco de Oliveira já chamara a atenção (1993, p. 73) para o avanço do capital bancário mineiro que se havia constituído, desde o final do século XIX, apropriando-se do excedente do produto social da economia de subsistência e da pecuária do interior de Minas Gerais, na sua passagem para o abastecimento de outras regiões do Brasil, especialmente a cidade do Rio de Janeiro.

Oliveira sugere que, ao final da década de 1920, esse capital já começava a desviar-se para financiar o próprio café e que a posição das oligarquias mineiras ao lado de outras que se constituíram em centros deflagradores da revolução de 1930, pode ser interpretada como uma aproximação desencadeada pelos interesses econômicos de agentes dessas regiões (Extremo-Sul, Minas, Paraíba e Pernambuco), cuja produção de valor se realizava internamente, em

³ É interessante mencionar que Vito Pentagna, depois de ter realizado os esforços para a instalação da fábrica, faleceu na véspera da sua inauguração, deixando o controle dos negócios para seus dois filhos, Humberto de Castro Pentagna e Savério Vito Pentagna, este último pai de nosso informante.

contraponto às regiões onde a produção do valor se realizava externamente (caso das regiões do café). O autor afirma que, no caso de Minas Gerais, a preeminência do capital financeiro inglês e norte-americano cerceava a expansão do capital bancário mineiro. É muito provável que o Coronel Ferreira Guimarães, homem ligado ao comércio do interior de Minas, dispunha de facilidades de crédito junto a essa rede bancária mineira, o que poderia explicar suas ligações com esse grupo de homens empreendedores de Valença, em pleno início do século XX. Tem sido muito pouco explorada na historiografia econômica essa complementaridade da região do Rio de Janeiro com áreas contíguas de Minas Gerais. A maior parte dos estudos tem indicado que a industrialização da velha província fluminense é uma extensão da industrialização do antigo Distrito Federal, a partir de 1880. Nesse sentido, a formação de núcleos industriais em municípios como Niterói, Petrópolis, Magé e Campos não se deu às custas de capitais acumulados localmente, mas convergia para interesses, capitais e mercados consumidores externos ao Estado do Rio e vinculados às firmas comerciais do Distrito Federal. Para Mendes, Barra do Piraí e Valença, municípios onde foram implantadas unidades maiores, é possível que essa marca da industrialização interiorizada na região do Rio de Janeiro se confirme, embora não existam estudos particulares sobre cada uma dessas cidades (FERREIRA, 1985, pp. 8-13). As informações coletadas para este artigo sobre a implantação do parque têxtil de Valença permitem dizer que Marieta de Moraes Ferreira está correta ao indicar no capital acumulado no comércio a origem dos recursos que viabilizaram os empreendimentos industriais nas décadas de 10 e 20, o que lhe garante reunir evidências para mostrar que há um certo grau de autonomia desses empreendimentos com relação à economia cafeeira, reforçando a posição peculiar da cidade do Rio de Janeiro, que abrigava um patamar de capital já acumulado, não sendo inteiramente suscetível à crise da agricultura do período. Mas em dois pontos os dados trazidos de Valença não se ajustam completamente à sua hipótese. Em primeiro lugar, embora possamos falar de interesses externos e eles obviamente existiam, não se pode deixar de considerar os interesses locais, consubstanciados na visão de futuro de homens que - apesar de alguns não terem tido origem na cidade - estavam ali estabelecidos e demonstravam, em certa medida, comprometimento com o destino da cidade, além evidentemente dos seus próprios interesses particulares. Por outro lado, a figura do Coronel Ferreira Guimarães sugere uma conexão com capitais acumulados na esfera da

circulação em Minas Gerais, situação geralmente não cogitada nos estudos sobre a industrialização fluminense.

José Siqueira Silva da Fonseca, um dos fundadores da Companhia Industrial de Valença (Ferreira Guimarães) nasceu em Valença no ano de 1877. Seu pai era capitão da Guarda Nacional, um português chegado à cidade como membro do Conselho Fiscal da recém-criada Estrada de Ferro União Valenciana, que casou-se com a filha de uma tradicional família da cidade. Os registros históricos mostram que o pai de José Fonseca tornou-se sócio de um dos seus cunhados, mantendo os dois um dos grandes estabelecimentos comerciais da cidade.⁴ Aos 13 anos, José Fonseca muda-se para a cidade do Rio de Janeiro para trabalhar no comércio atacadista e continuar os seus estudos. Já em 1901, tornara-se gerente de importante casa importadora e, em 19 de março do mesmo ano, casou-se em São João Del Rey, Estado de Minas Gerais, com moça pertencente à família de grandes proprietários rurais. É esse casamento que o aproxima do Coronel Ferreira Guimarães, casado com uma prima de sua esposa. Em 1905, Fonseca convence Guimarães a investir na implantação de uma fábrica de tecidos de algodão em Valença, já que o poder público acenava com algumas vantagens: compra do prédio próximo à estação ferroviária, que Vito Pentagna havia construído com a primeira chamada de prestações de capital para a instalação de uma fábrica de tecidos, em terreno cedido em aforamento pela prefeitura, desde 1891; transporte gratuito de todo o maquinário e equipamentos pela Estrada de Ferro União Valenciana; abatimento de 50% dos fretes das matérias-primas e produtos manufaturados; contrato com a Câmara dos Vereadores para fornecimento de energia elétrica, pública e particular, com isenção de impostos aduaneiros para o maquinário e material elétrico. Além disso, a doação por um particular de metade de uma queda d'água sobre o rio das Flores. Não é difícil compreender o empenho da municipalidade em apoiar o empreendimento. A bibliografia é unânime em mencionar os anos difíceis que a cidade enfrentava no início do século. Iório (1953, p. 206) diz que “não foi fácil ao Sr. José Fonseca realizar o capital, pois, com a pobreza e a **decadência** (grifo nosso) da

⁴ Os dados referentes à biografia de José Fonseca foram retirados da dissertação de mestrado de Marise Resende Figueira “As elites do legado: a transferência do capital cafeicultor para a indústria têxtil no município de Valença”, defendida no Programa de Pós Graduação em História Social do Trabalho, da Universidade Severino Sombra de Vassouras, em 2004. A autora utilizou, entre outras fontes, informações contidas em uma matéria publicada na Gazeta Valenciana, intitulada “Antigas famílias valencianas”, de Fernando Antonio Ielpo Jannuzzi Júnior. Sobre a dissertação, parece curioso que a autora tenha se proposto a mostrar o deslocamento de capitais da cafeicultura para a indústria têxtil, embora todos os dados por ela apresentados sugerem que é na atividade comercial que se encontra a fonte originária dos recursos que viabilizaram a implantação dos empreendimentos.

cidade notava-se geral desânimo nos negócios, ainda com o fracasso da primeira tentativa de uma indústria em Valença”. Iório está se referindo à tentativa de Vito Pentagna, que só iria ser concretizada em 1914. O autor também menciona que sem o concurso do Coronel Benjamin Guimarães o empreendimento não teria logrado êxito, o que contraria o depoimento de nosso informante, que minimiza a participação de Guimarães, ao afirmar que este chegara a Valença enfrentando dificuldades financeiras, convidado por seu avô Vito Pentagna, depois de ter perdido vultosa soma de recursos na Bolsa de Londres. Insistimos na hipótese de Guimarães é homem articulado no meio financeiro, especialmente o mineiro, acostumado à especulação.

A Companhia Industrial de Valença foi fundada em 1906. Seis anos depois foi aumentado o edifício da fábrica e o número de teares, que era inicialmente de 60, passou a 167, duplicando-se também o capital para Cr 500.000,00. A energia elétrica era produzida pela usina que a companhia possuía às margens do rio das Flores, distante da cidade cerca de quatro quilômetros. No ano de 1924 a produção diária era de 8.000 metros de tecidos de algodão em cores, empregando na época 300 operários. José Fonseca foi também o responsável pela iniciativa de implantação da Companhia Progresso de Valença de Fiação e Tecelagem, inaugurada em 1926, que segundo os registros (Iório, 1953, p. 211) estava em funcionamento no ano de 1953, mas não sobreviveu para presenciar a expansão provocada no setor pelo sucesso do índigo no final da década de 1970 e durante toda a década de 1980. Sabe-se que Fonseca estava à frente do empreendimento em 1946, quando o movimento da fábrica era gerenciado por um engenheiro, mas em 1953 já outro era o seu diretor-presidente.

De 1913 é a Companhia de Rendas e Tiras Bordadas Dr. Frontin, iniciativa de outro imigrante italiano, o Comendador Antonio Jannuzzi, empreiteiro que teve participação ativa na reforma urbana empreendida pelo Prefeito Pereira Passos no centro da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. CARVALHO (2004, pp 158 – 59) observou que Jannuzi foi o maior construtor dessa época, e emprestava seu prestígio a duas indústrias ligadas ao ramo de construção, como membro dos seus conselhos fiscais. O nome da fábrica de rendas, (Dr. Frontin), sugere uma sociedade ou uma homenagem a um dos líderes da febre especulativa ocorrida na praça do Rio de Janeiro entre 1888 e 1891, o engenheiro e construtor de ferrovias Paulo de Frontin. Carvalho afirma que Frontin foi um ativo fundador de empresas e negócios durante o Encilhamento (CARVALHO, 2004, p. 104), mas não explicita negócios comuns entre Frontin e Jannuzi, que tentavam se capitalizar durante o período. Este vai a Valença a

convite de Vito Pentagna e logo passa a residir na cidade, tendo adquirido um solar construído pelo Visconde do Rio Preto, cuja reforma custou 120 contos, um apreciável volume de dinheiro para a época. Adquirindo fama de benfeitor da cidade, em função de doações que realizara à Sociedade Italiana de Beneficência, à Santa Casa de Misericórdia da cidade e às famílias pobres, Jannuzzi se lança em seguida à implantação de uma unidade têxtil, motivado pelo sucesso de duas outras unidades (a de José Fonseca e a de Vito Pentagna, cuja construção do prédio já estava bastante adiantada naquele ano), mobilizando capital de Cr\$ 400.000,00. As informações dão conta que a fábrica ficou paralisada durante alguns anos, depois de ter funcionado com regularidade, sendo reativada em 1932, com nova direção. Em 1953, Iório informava que a empresa funcionava com nova razão social, tendo seu escritório central na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar das dificuldades enfrentadas, comprovadas pela transferência de proprietários e mudança de razão social, através das décadas que se seguiram à sua instalação, a especialização dessa unidade parece lhe ter assegurado vida longa, pois das unidades originais do período de implantação do parque têxtil de Valença é uma das duas empresas que continuam em funcionamento (junto com a Ferreira Guimarães, que opera numa escala bastante inferior àquela verificada no auge do jeans). A “fábrica de rendas”, desde o início das suas operações, produz rendas e tiras de filó de algodão bordadas, palas de filó de algodão bordadas, lenços de algodão enfeitados com bordados, tecidos de algodão bordados, sendo portanto produtos com maior valor agregado e inserção no mercado de várias partes do país.

1.1.3 O estágio da industrialização pré-CSN por volta de 1940

Rodrigues et al. (1992), tratando da organização espacial numa das áreas do interior do país mais afetadas pelo processo de industrialização brasileiro, o Vale do Paraíba (fluminense e paulista),⁵ mostram que existia em 1940 um número expressivo de municípios nesse eixo que abrigavam indústrias ligadas ao atendimento dos mercados locais e regionais. Mas em um conjunto de 26 municípios indicados pelos autores, é importante observar que sete deles concentravam 70,2% do valor da transformação industrial de todo o Vale do Paraíba, nos dois

⁵ O recorte utilizado pelos autores abrange um eixo que se inicia em Jacareí, município próximo à capital paulista, seguindo pela Via Dutra até Barra Mansa, já no Estado do Rio de Janeiro, e penetrando na BR-393 até Três Rios, na fronteira Centro-Sul com o Estado de Minas Gerais.

estados, conforme o Censo Industrial do IBGE, de 1940. A tabela apresentada abaixo permite identificar os municípios mais importantes.

TABELA 2
VALOR DA TRANSFORMAÇÃO INDUSTRIAL DO VALE DO
PARAÍBA DO SUL – PRINCIPAIS MUNICÍPIOS – 1940 (%)

Municípios	Valor da transformação industrial
Barra do Piraí (RJ)	11,47
Barra Mansa (RJ)	10,85
Guaratinguetá (SP)	6,43
São José dos Campos (SP)	9,55
Taubaté (SP)	13,78
Três Rios (RJ)	11,26
Valença (RJ)	6,87
Sub total	70,21
Outros municípios	29,79
Total	100,00

Fonte: IBGE- Censo Industrial 1940. Adaptada de tabela elaborada por Rodrigues et al. (1992, p. 65).

No Estado do Rio de Janeiro são destacadas as posições, além de Valença, de Barra do Piraí, Barra Mansa e Três Rios, este último não sendo incluído normalmente entre os municípios do Vale do Paraíba Fluminense, já que nas divisões político-administrativas levadas a efeito nas três últimas décadas pelo governo do estado tem normalmente sido incluído na região Centro-Sul. Barra do Piraí tem o seu processo de implantação de unidades industriais quase que concomitante ao do município de Valença, embora suas principais empresas tenham sido dos ramos alimentício e metalúrgico e não têxtil. É de 1918 a implantação no município de uma grande unidade, a indústria Belprato de massas. Já Barra Mansa experimentou esse processo de localização de algumas grandes unidades industriais somente mais tarde, durante a década de 1930. MOREIRA (2002) mostra que foi nesse período que se instalaram no município o Moinho Barra Mansa, a Siderúrgica Barra Mansa (de propriedade do pai do empresário paulista Antonio Ermírio de Moraes), a Metalúrgica Bárbara e a Companhia Nestlé de Alimentos. Levando-se em conta a posição ocupada por Barra Mansa na tabela apresentada acima e o porte das empresas responsáveis por essa posição, pode-se pressupor que Barra do Piraí e Três Rios - que dispunham de percentuais do valor da transformação industrial um pouco acima do de Barra Mansa – contavam com algumas empresas do mesmo porte. Nesse caso, é importante assinalar que não se tratam de

indústrias que atendem somente os mercados locais e regional. A Nestlé, a Metalúrgica Bárbara e a Siderúrgica Barra Mansa estavam voltadas para o atendimento do mercado nacional. No caso desta última, entrevista realizada com um engenheiro metalúrgico, já aposentado, que veio de Minas Gerais para trabalhar na empresa em 1955, confirma essa informação. Na época, a Siderúrgica Barra Mansa fabricava materiais voltados para a construção civil, vários tipos de vergalhões e arames de qualidade.

Quanto à Valença, é seu parque têxtil quem expressa o percentual de 6,87% do valor da transformação industrial do Vale do Paraíba, em 1940. As informações coletadas indicam que não houve diversificação das atividades industriais na cidade. Escrevendo em 1953 sobre as atividades econômicas na cidade, o historiador Leoni Iório menciona, além das quatro unidades industriais já indicadas aqui, a expectativa de instalação de uma nova fábrica, especializada na produção de lenços de linho, que parece não ter tido grande expressão na década seguinte. Possivelmente se tratava de uma unidade de porte bem menor. Além disso, este autor assegura que “recentemente entrou em atividade a fábrica de carrocerias para ônibus e de máquinas agrícolas, pertencente à Sociedade Industrial e Comercial Mecânica Osmach” (Iório, 1953, p. 212). Porém, a julgar pelo desempenho industrial do município que consta dos dados sobre o valor da transformação industrial do Vale do Paraíba, com base nas informações do Censo Industrial de 1950, quando Valença reduz o seu percentual de participação para quase a metade daquele verificado em 1940, não houve diversificação, tampouco avanço da industrialização neste município.

É evidente que é preciso ter cautela quando se observa os dados sobre o valor da transformação industrial no Vale do Paraíba relativos a 1950, porque a Companhia Siderúrgica Nacional já entrou em operação (desde 1946), o que faz com que o percentual correspondente ao município de Barra Mansa salte de 10,85%, em 1940, para 44,65%, em 1950 - o município de Volta Redonda só seria emancipado de Barra Mansa no ano de 1954, portanto só constando como unidade independente no Censo Industrial de 1960. Mas 44,65% é quase a metade de todo o valor da transformação industrial da região, o que sugere um rearranjo na distribuição dos percentuais dos municípios considerados por Rodrigues et. al. (1992), com redução brusca da dispersão verificada em 1940. Não somente Valença, mas Barra do Pirai, Três Rios e os municípios paulistas mais importantes também têm sua participação fortemente reduzida. Com efeito, os próprios autores chamam a atenção para uma nova estruturação espacial no Vale

como decorrência das novas funções assumidas pela atividade industrial. No caso do município de Valença, sua especialização no ramo têxtil faz com que a atividade industrial nele desenvolvida assumia um lugar secundário, sem deixar de ser importante para o desenvolvimento da cidade, não apenas pelo número de empregos e pela renda gerados a partir dessa atividade, mas também por uma cultura criada em torno das suas indústrias (projeto esboçado no auge da crise cafeeira), que nutria a auto-estima dos habitantes da cidade, fato que transparece nas entrevistas realizadas com informantes que trabalharam diretamente nessas empresas entre os anos 1970 e 1990, para quem o encerramento das suas operações (Santa Rosa/Chueke) ou a redução da escala de produção (Ferreira Guimarães/Fábrica de Rendas), durante a década de 1990, desencadearam um sentimento de que Valença a partir daí perdeu o seu rumo como cidade.

1.1.4 O devido lugar da agropecuária e da agroindústria: contrariando a tese da “decadência”

A década de 1930 e o início dos anos 1940 parecem ter sido um período no qual Valença, além da consolidação do seu parque têxtil, experimentou alguns avanços no que diz respeito à organização da agroindústria do leite e dos laticínios. Os dados indicam que é nesse período que a atividade adquire maior organização, através da proliferação de cooperativas. A Cooperativa de Laticínios S. S. Rio Bonito era uma das mais prósperas, tendo sido fundada em abril de 1936. Em 1940, contava com 13 associados, mas em 1942 já dispunha de 50 criadores, fabricando principalmente manteiga e caseína. Iório (1953, p. 204) menciona outras cooperativas importantes, como a Sociedade Cooperativa Agropecuária Santa Izabel Ltda, fundada em maio de 1940; a Cooperativa Agropecuária São Fernando, fundada em fevereiro de 1943; a Cooperativa Agropecuária de Esteves, de janeiro de 1942 e a Cooperativa Agropecuária de Rio Preto Resp. Ltda, de fevereiro de 1941. Nosso informante, neto de Vito Pentagna, relatou durante a entrevista que seu pai foi o fundador de uma das primeiras cooperativas do município, a Cooperativa de Laticínios Pentagna (localizada no 4.o distrito), no ano de 1936. Esta cooperativa transferiu-se para o 1.o distrito (sede do município), segundo o informante, no ano de 1963, ocasião em que teve mudada a sua razão social para Cooperativa Mista de Valença, até hoje em funcionamento, sendo o informante o seu

presidente.⁶ De acordo com o seu depoimento, desde 1954, quando recebeu do pai a Fazenda Pau D'Alho, sua principal atividade e maior fonte de lucros tem sido a produção de leite, embora tenha se dedicado ao plantio de café e à horticultura. Agrônomo formado pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, em 1954, prestou assessoria durante muitos anos a várias cooperativas e montou uma empresa para fazer avaliações pelo Banco do Brasil com vistas à concessão de crédito aos produtores de leite, na segunda metade da década de 1950. Acabou ingressando no Ministério da Agricultura no início dos anos 60, órgão pelo qual se aposentou.

Essas informações se mostram importantes para reforçar o raciocínio de que a atividade leiteira e a agroindústria dos seus derivados se tornou um outro vetor do desenvolvimento econômico em Valença, fazendo da cidade um referencial importante nesse ramo de negócios, à medida que outros municípios do Vale do Paraíba, como Barra Mansa e Barra do Piraí, iam perdendo importância em termos do tamanho dos seus rebanhos e do número dos seus produtores. Não se pode desconsiderar que a instalação da Nestlé em Barra Mansa, durante a década de 1930, muito se deveu ao fato de que aquele era um município com tradição na pecuária de leite, fator decorrente da reconversão de algumas de suas antigas fazendas de café. Com a organização do setor no sistema de cooperativas, muitas delas tornaram-se com o correr dos anos fornecedoras da Nestlé, situação que se mantém até os dias atuais.

Para essa atividade (e a de laticínios) voltaram-se muitas famílias de proprietários de Valença, sinalizando expectativas de retorno dos investimentos durante os anos 1930 e 1940 e, nas duas décadas seguintes, de obtenção de crédito público, conforme se pode inferir do depoimento do nosso informante, agente envolvido nas malhas do sistema cooperativista e do crédito oficial por quase quatro décadas. Apesar da estrutura do setor comportar uma maioria de pequenos produtores, a trajetória do informante sugere que é muito provável que antigas

⁶ A Cooperativa de Laticínios Pentagna não é mencionada no trabalho de Iório, que é de 1953. Iório dá mais destaque à Cooperativa de Laticínios S. S. Rio Bonito, que parecia a mais importante na época em que ele escrevia. É curioso que o autor tenha dito que a S. S. Rio Bonito congregava “a quase totalidade dos criadores de gado vacum do 4.º distrito”, sendo a “mais antiga entre as suas congêneres no Estado do Rio” (Iório, 1953, p. 204). Considerando a data de fundação da Cooperativa de Laticínios Pentagna, pode-se notar que é da mesma época de fundação da Cooperativa S. S. Rio Bonito.

famílias ligadas ao café tenham se apropriado dos mecanismos cooperativistas para exercer um forte controle sobre esse segmento.⁷

Mas muitas empresas privadas também foram formadas no rastro da expansão da agroindústria do leite em Valença nos anos 1930 e 1940. Informações contidas no livro de Iório dão conta que havia 17 fábricas de queijo e manteiga. A mais importante entre elas deve ter sido a Th. Nielsen & Cia. Ltda. (Usina Trevo), fundada em 1932, instalada na antiga fazenda da Vista Alegre. A empresa produzia vários tipos de queijos, como o suíço, o roquefort e o gruyère, além de possuir uma marca registrada de manteiga com grande aceitação no mercado regional (“Dana”). Não foi possível obter o registro do número de empregados que trabalhavam nessa usina, mas pela quantidade de litros de leite recebidos anualmente no estabelecimento, em média dois milhões e duzentos mil litros (dado relativo à década de 1950), pode-se supor que se tratava de um estabelecimento de médio porte. A tabela apresentada a seguir apresenta a produção em quilos de manteiga e queijo entre os anos de 1937 e 1947, com os respectivos valores anuais da produção. Pode-se perceber que o valor da produção de manteiga adquire vantagem proporcionalmente sobre o valor da produção de queijo, à medida em que avança a década de 1940.

⁷ Aqui cabe uma explicação importante: a fábrica de tecidos Santa Rosa, que ficara sob a administração dos dois filhos de Vito Pentagna, um deles pai do nosso informante, foi vendida em 1952 para suas duas irmãs, ambas casadas com filhos do Coronel Ferreira Guimarães, que administravam duas unidades da Ferreira Guimarães em Minas Gerais, uma em Barbacena, outra em Juiz de Fora, razão pela qual Leoni Iório diz que “em virtude de haver a família Pentagna, seus maiores acionistas, vendido suas ações, a Cia. Fiação e Tecidos Santa Rosa passou, em 1952, a ter seus escritórios instalados em Belo Horizonte” (Iório, 1953, p. 209). Mas em 1954, depois de ter passado cinco anos nos EUA estudando produção têxtil no MIT, Júlio Vito Pentagna Guimarães, nascido em Valença, filho de uma das novas proprietárias, assumiu a direção da empresa, até seu fechamento nos anos 1990. O livro de Iório, como é anterior a esse fato, pode permitir inferir-se que a empresa saiu das mãos da família Pentagna, quando o que ocorreu é que saiu das mãos dos homens da família. O empresário Júlio Vito é neto do fundador, só que de Pentagna Guimarães. Esta é razão pela qual nosso informante não herdou a fábrica.

TABELA 3
 PRODUÇÃO DE MANTEIGA E QUEIJO NO MUNICÍPIO DE VALENÇA

Ano	Manteiga		Queijo	
	Quilos	Valor da produção (Cr\$)	Quilos	Valor da Produção (Cr\$)
1937	122.286	611.430,00	226.481	1.358.886,00
1938	256.928	1.798.496,00	362.115	2.896.920,00
1939	235.397	1.294.683,00	314.467	1.415.101,50
1940	263.733	2.109.864,00	385.293	2.697.051,00
1941	339.528	3.395.280,00	369.186	2.438.262,00
1942	289.100	2.023.444,50	362.186	1.565.821,90
1943	203.500	2.442.000,00	192.719	1.541.752,00
1944	188.057	3.385.025,00	157.663	1.024.809,50
1945	182.077	3.277.389,40	286.195	1.860.265,30
1946	245.217	4.904.345,00	152.853	1.375.677,40
1947	273.720	6.842.992,80	263.528	2.503.519,10

Fonte: Adaptada de tabela apresentada por Iório (1953, p. 204)

Os dados apresentados até aqui indicam que nem tudo é “decadência” e “desolação” no Vale do Paraíba fluminense com a derrocada do café. O próprio tratamento que tem recebido na literatura econômica e sociológica a pecuária como atividade substitutiva do café, realizada de maneira extensiva e sem quaisquer perspectivas de indução de outras atividades econômicas precisa ser melhor qualificado a partir de estudos específicos que se debruçam sobre os principais percalços que dificultaram o desenvolvimento do setor. Nesse sentido, o problema relevante se desloca para as décadas seguintes (60/70/80), quando o setor não consegue se expandir. Dados do CIDE para 2001 indicam que Valença possui um rebanho de bovinos idêntico em termos quantitativos (49.290 cabeças, embora seja o maior entre os municípios do Vale do Paraíba) ao que possuía em 1943, ou seja, perto de 50 mil cabeças (IÓRIO, 1953, p. 203). O mesmo CIDE mostra que o município de Resende, situado na mesma microrregião, possuía em 2001 um efetivo de 7.915 vacas ordenhadas, com uma produção de 20 milhões 122 mil litros de leite, enquanto Valença, com efetivo maior (12.723 vacas ordenhadas), produzia 18 milhões 787 mil litros, somente um pouco maior que os 16 milhões de litros obtidos anualmente durante a década de 1950. Problemas relativos à produtividade, que podem estar ligados à baixa utilização de tecnologia e ao tipo de organização gerencial que predomina no sistema de cooperativas (pouco resolutiva para lidar com a alta dispersão dos produtores, que atuam com pequenas escalas) certamente devem

ajudar a explicar o crescimento lento da atividade. Roberta de Almeida Souza (2002), confirma essa hipótese. A autora entrevistou técnicos da EMATER e pequenos agricultores familiares do município de Rio Preto (MG), estes últimos fornecedores de uma cooperativa de produtores de leite localizada em Valença, no Distrito de Parapeúna, na divisa com o município mineiro. Segundo ela, somente em 2001 começou a ser mais difundido no local o uso de resfriadores entre os pequenos produtores, financiados pela Nestlé, para quem a cooperativa de Parapeúna envia a maior parte do seu leite. Do mesmo modo, o problema da pequena escala com que trabalham grande parte dos produtores é ressaltado nas entrevistas feitas pela autora com técnicos da EMATER.

A despeito dessas dificuldades, a produção de leite e de laticínios continua sendo uma das principais atividades econômicas de Valença. Com efeito, os problemas por ela enfrentados nas últimas décadas podem estar associados exatamente com a especialização da pecuária local na produção de leite. As informações disponíveis apontam para o fato de que o preço mais elevado do gado de leite impediu a diversificação. Em 1943, o preço médio de uma vaca leiteira de Cr\$ 800\$000, enquanto uma vaca para corte não valia Cr4 400\$000 (Iório, 1953, p. 203).

Quanto à situação das lavouras, as informações contidas no livro de Iório não permitem traçar para Valença um quadro muito favorável entre os anos 1930 e 1940. O café ainda era a principal cultura em 1943, destacando-se o seu plantio no Distrito de Conservatória. Relatório enviado pelo prefeito da cidade ao governo fluminense, em 1942, mencionava o cultivo do café, mas em outras bases, diferentes do período áureo da cultura do café em Valença. Neste ano, cultivava-se no município o milho, o feijão, o arroz e o fumo, “mais para o gasto e manutenção da colônia que para o comércio”. Prosseguindo na exposição dos problemas enfrentados pela agricultura, o prefeito indica que

“A grande lavoura mecanizada não existe; e nem poderá existir, dada a topografia acidentada do terreno. Assim, os métodos de cultivar os solos são primitivos e rotineiros. A “saúva” é o mal nacional. Embora em Valença alguns proprietários rurais combatam o flagelo, a lavoura é decadente. A formicida é pouca e relativamente cara. Nem todos os lavradores podem adquiri-la em maior quantidade. Daí, o quase abandono do solo. O que existe em Valença é a pequena lavoura. O regime de parceira é a regra (...) o regime do salariado é raramente praticado. Não há no município campos experimentais nem estabelecimentos de assistência à agricultura. Recentemente instalou-se na cidade de Valença, a Escola Típica (sic) Rural do Carambita, que está educando regular número de crianças e tentando introduzir novas culturas, como a do algodão, considerando-se que Valença é principalmente industrial” (Iório, 1953, p. 200).

É interessante observar como as próprias elites políticas locais incorporaram a idéia da “decadência”, reservando para o setor industrial a primazia no que diz respeito à atividade que deve definir o perfil econômico da cidade, o que não é surpreendente, levando-se em conta que a indústria têxtil local vai continuar se expandindo, pelo menos por mais cinco décadas, apesar do projeto de introdução da cultura do algodão nunca ter sido concretizado. Em 1951, novo estabelecimento vem se juntar ao parque têxtil já instalado: a S/A Fiação e Tecelagem Ultra Moderna Chueke, que construiu prédios industriais totalizando 6.500m², em terreno de 62.174m², cedido pela Prefeitura Municipal. Seu fundador, Isaac Khalife Chueke, libanês naturalizado brasileiro, chegara ao país em 1949, instalando-se na cidade do Rio de Janeiro e tornando-se empresário do setor financeiro. Entre 1951 e 1968, a Chueke passou a produzir em Valença fios de algodão para o mercado nacional. Entre 1969 e 1974 ampliou as suas instalações, adquiriu novo maquinário e ingressou no mercado de fios mistos com polyester, acrílico e rayon viscase, Nos vinte anos seguintes, a empresa chegaria a produzir 3 mil toneladas de fios especiais anualmente, empregando no seu auge cerca de 550 trabalhadores, conforme informações obtidas em entrevista com um informante que foi gerente geral da fábrica. A empresa encerraria suas atividades na cidade no ano de 1999.

Conclusões

Foi visto que os esforços dos fundadores das primeiras indústrias de Valença foram bem sucedidos, porque dotaram a cidade de um grupo de empresas com atuação no mercado nacional, criando uma cultura de trabalho industrial e sedimentado na população, durante muitas décadas, expectativas de obtenção de renda regular. Mesmo se for considerada a tendência histórica de perda de importância da indústria têxtil à medida que uma economia aprofunda o seu processo de industrialização – como ocorreu com a economia brasileira a partir da década de 50 -. A utilização intensiva de mão-de-obra nesse segmento quando comparado a outros pode se apresentar como uma condição muito positiva para o desenvolvimento econômico, ainda mais que tratava de uma área às voltas com problemas de reconversão de atividades tradicionais e desmobilização da força de trabalho.

Além disso, é a partir da implantação dessas empresas que começam a ser viabilizados os principais melhoramentos urbanos, especialmente a iluminação elétrica (inclusive a iluminação pública). O historiador Rogério Tjader (2003, p. 44) lembra que foi a Companhia

Industrial de Valença (Ferreira Guimarães), a partir de uma solicitação da Câmara dos Vereadores, quem passou a fornecer luz elétrica para as residências particulares, mediante cobrança de uma taxa, conforme os proprietários a requeressem. A operação das fábricas passa a pressionar a adaptação do espaço urbano da sede do município, onde os estabelecimentos estão localizados, às exigências da vida industrial: abertura de novos bairros para a moradia operária, redes de abastecimento de água, de drenagem, expansão dos serviços públicos para uma população cada vez mais concentrada.

Foi vista igualmente a origem dos capitais que permitiram a instalação dessas fábricas, a maior parte oriunda de lucros acumulados na atividade comercial/financeira. Embora em um dos casos o empreendedor fosse cafeicultor, não era nessa atividade que residia a fonte maior dos seus lucros. A capacidade de realizar contatos externos e as ligações de parentesco, muitas delas promovidas através de casamentos, são dois aspectos importantes que irão definir a trajetória dessas empresas, revelando um caráter especial da sua gestão: são, via de regra, empresas familiares. Os dados permitiram também detectar ligações da elite local com outro ambiente geográfico que não a cidade do Rio de Janeiro, pouco tratado na literatura sobre a industrialização na região, ou seja, a ligação com Minas Gerais, na figura do Coronel Ferreira Guimarães, de tradicional família de São João Del Rey, mas estabelecido em Bonsucesso, onde fez fortuna no comércio.

No que diz respeito à atividade agropecuária, os dados apresentados contrariam a idéia amplamente difundida da “decadência” do setor, principalmente porque em Valença, durante as décadas de 1930 e 1940, ocorreu uma expansão gradativa e sustentada da agroindústria ligada ao leite, com crescimento do associativismo e criação de algumas empresas privadas de laticínios.

Referências bibliográficas

ALMEIDA SOUZA, R. de. A produção de leite no município de Rio Preto (MG): principais desafios para melhoria da renda dos produtores. Valença: Faculdade de Ciências Econômicas da Fundação Dom André Arcoverde, 2005. Monografia (Bacharelado em Ciências Econômicas).

ARAÚJO JR., J. T. de e PEREIRA, V. M. C.. Teares sem lançadeira na indústria têxtil. In ARAÚJO JR., José Tavares de (editor). Difusão de inovações na indústria brasileira: três estudos de caso. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1976. (Monografia n.o 24).

CANO, W.. Raízes da concentração industrial em São Paulo. São Paulo: Difel, 1977.

- CARVALHO, N.. O encilhamento: anatomia de uma bolha brasileira. Rio de Janeiro: Comissão Nacional de Bolsas/ São Paulo: Bovespa, 2004.
- CIDE – Centro de Informações e Dados do Estado do Rio de Janeiro. Anuário Estatístico do Estado do Rio de Janeiro, vol 17. Rio de Janeiro: CIDE, 2001.
- FERREIRA, M. de M.. Questões para o estudo da industrialização fluminense. Rio de Janeiro: CPDOC, 1985. Mimeo.
- Em busca da idade do ouro: as elites políticas fluminenses na primeira república. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ/Edições Tempo Brasileiro, 1994.
- FIGUEIRA, M. R.. As elites do legado: a transferência do capital cafeicultor para a indústria têxtil no município de Valença (1850-1906). Vassouras: programa de Pós-Graduação em História Social do Trabalho/Universidade Severino Sombra, 2004 (Dissertação de Mestrado).
- FONTES, A. M. N. e LAMARÃO, S. T. N. Volta Redonda: história de uma cidade ou de uma usina? *Revista do Rio de Janeiro. Niterói*, v. 1, n. 4, p. 15-24, dez. 1986.
- GIDDENS, A.. Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- GOMES, A. de C. e FERREIRA, M. de M.. Industrialização e classe trabalhadora no Rio de Janeiro: novas perspectivas de análise. *BIB, Rio de Janeiro*, n. 24, PP. 11-40, 2.o semestre de 1987.
- IÓRIO, L.. Valença de ontem e de hoje (subsídios para a história do município de Marques de Valença – 1789/1952). Valença: Associação Comercial, 1953.
- LOPES, A. C.. A aventura da forma: urbanismo e utopia em Volta Redonda. Rio de Janeiro: E-papers, 2004.
- MELO, J. M. C. de. O capitalismo tardio: contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MOREIRA, A. A.. Barra Mansa: imagens e identidades urbanas. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 2002. (Dissertação de mestrado).
- OLIVEIRA, F. de. Elegia para uma re(li)gião: SUDENE, nordeste, planejamento e conflito de classes. 6.a Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.
- PIQUET, R.. Moradia operária em Volta Redonda: de símbolo do populismo à lógica capitalista. *Espaço e Debates. Rio de Janeiro*, 5 (16), 1985. PP. 83-105.
- RODRIGUES, I. O., et. al. Médio vale do Paraíba do sul: estado, políticas públicas e organização do espaço (1930-1980). *Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro*, v. 54, n.o 2, abr/jun 1992. PP. 57-82.
- SOUZA, C. V. C. de. Pelo espaço da cidade: aspectos da vida e do conflito urbano em Volta Redonda. Rio de Janeiro: IPPUR-UFRJ, 1992. (Dissertação de Mestrado).
- STEIN, S.. Origens e evolução da indústria têxtil no Brasil (1850-1930). Rio de Janeiro: Campus, 1979.